

# Organização e Representação da Comunidade Científica em Análise do Comportamento no Brasil<sup>1</sup>

## Organization and representation of the scientific community in behavior analysis in Brazil

Emmanuel Zagury Tourinho<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

### Resumo

Nas últimas décadas, a comunidade científica em Psicologia no Brasil avançou, tanto no número de pesquisadores, quanto na diversificação das subáreas de pesquisa, na abertura de programas de pós-graduação e nos processos de organização e representação. No mesmo período, a análise do comportamento cresceu em muitas direções, sobretudo impulsionada pelos eventos e publicações da Associação Brasileira em Psicoterapia e Medicina Comportamental. Esses avanços, porém, não se deram no campo da organização e representação da comunidade científica em análise do comportamento no país, o que permanece um desafio.

Palavras-chave: análise do comportamento; pesquisa científica; organização científica.

### Abstract

The Brazilian scientific community in Psychology has grown, in the last decades, in the number of researchers, as well as in research subareas, graduate programs, and in organizational and representational processes. Behavior analysis faced, in the same period, a notable advancement, largely promoted by events and publications by the Brazilian Association for Psychotherapy and Behavioral Medicine. Such a progress, however, has not been one in the field of organization and representation of the Brazilian scientific community in behavior analysis, which remains a challenge.

Keywords: behavior analysis; scientific research; scientific organization.

<sup>1</sup> Texto apresentado na mesa redonda "Organização e Representação da Comunidade Científica em Análise do Comportamento no Brasil", durante o XV Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Brasília, setembro de 2006.

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, CNPq. E-mail: [tourinho@amazon.com.br](mailto:tourinho@amazon.com.br)

A comunidade científica em Psicologia no Brasil vem se tornando mais numerosa e diversificada nas últimas décadas, como resultado, entre outros, dos esforços de agências como a CAPES e o CNPq para a formação de quadros para a pesquisa no país, nas diferentes áreas de conhecimento. Alguns números dão uma medida das mudanças que vêm ocorrendo:

a) O número de programas de pós-graduação em psicologia com o nível de doutorado passou de apenas 14, em 1996, para 30 programas em setembro de 2006. Em 10 anos, um aumento de 114%.

b) O número de doutores titulados em psicologia passou de 61, em 1996, para 267 doutores, em 2004, representando um crescimento de 337% no número de titulados por ano, em oito anos. Uma vez que o processo de expansão da pós-graduação continua em curso, a uma taxa média próxima de 10% ao ano, é possível que num prazo de 10 anos, o sistema tenha formado mais de 2000 novos doutores em psicologia. (Já para 2010, o IV Plano Nacional de Pós-Graduação prevê um crescimento de 85% no número de titulados na Grande Área de Ciências Humanas, em relação aos números de 2003).

Também nos últimos anos, o financiamento à atividade de pesquisa sofreu mudanças que induziram à formação de redes de pesquisa, com participação de pesquisadores de diferentes instituições e regiões do país, integrando e potencializando esforços para a produção de conhecimento. O próprio sistema de pós-graduação vem agora sendo induzido a buscar a formação de redes desse tipo. A compreensão predominante é a de que fora desses intercâmbios, será cada vez mais difícil sustentar uma atividade regular e produtiva de grupos de pesquisa. Em contextos mais avançados, essas redes incluem pesquisadores de instituições estrangeiras, no desenvolvimento de projetos em cooperação.

Com essas e outras mudanças, algumas subáreas da psicologia desenvolveram-se, passaram a contar com um número maior de pesquisadores e pesquisadores com um perfil mais avançado de produtividade. Essas subáreas caminharam, então, na direção de uma maior articulação interna, tornando-se mais estruturadas e ganhando autonomia frente às associações de representação mais geral da psicologia. Aquelas que alcançaram um patamar mais avançado de organização constituíram-se como sociedades científicas, passaram a publicar revistas científicas especializadas e a realizar eventos científicos periódicos. Ao lado disso, essas novas sociedades científicas fizeram-se representar em espaços diversos de debate e formulação de políticas públicas para o apoio à pesquisa científica e à formação de pesquisadores em psicologia no país.

A comunidade científica da análise do comportamento é uma das que há mais tempo participa de modo expressivo da produção científica em psicologia e do sistema de pós-graduação no país. Alguns dos primeiros programas de pós-graduação em psicologia (por exemplo, o Programa da Universidade de São Paulo) contavam com linhas de pesquisa em análise do comportamento. A atual Sociedade Brasileira de Psicologia é sucessora da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, organizada com expressiva participação de pesquisadores em análise do comportamento.

A análise do comportamento constitui uma subárea de conhecimento da psicologia no Brasil, no sentido de que constitui uma referência em torno da qual se organizam os esforços de uma comunidade de pesquisadores para a produção de conhecimento, a edição de publicações especializadas e a promoção de eventos para a comunicação e difusão de conhecimento novo. A “análise do comportamento” constitui, portanto, uma referência para a identidade de uma

comunidade de pesquisadores que funcionam como interlocutores uns dos outros<sup>3</sup>.

É muito importante que a análise do comportamento seja compreendida como um sistema amplo, que inclui (a) a produção de conhecimento em um domínio conceitual ou reflexivo, (b) a investigação básica de processos comportamentais, (c) a investigação aplicada e (d) a oferta de serviços articulada à pesquisa conceitual, básica e aplicada. Portanto, a subárea de conhecimento “análise do comportamento” reúne todos os pesquisadores vinculados às três tradições de pesquisa. Trata-se, assim, de uma configuração bastante diferente daquela de três décadas atrás, quando a pesquisa em análise do comportamento era fundamentalmente a investigação básica e pouco se produzia nos campos conceitual e aplicado. A mudança, evidenciada, por exemplo, nos projetos e programas de pós-graduação apoiados pelas agências, acompanha o que ocorre com a análise do comportamento também fora do Brasil, representando um avanço para a área.

Na última década, graças aos encontros anuais da ABPMC e às inúmeras oportunidades que com eles se abriram de difusão do conhecimento analítico-comportamental, experimentamos um crescimento notável. Alguns indicadores desse crescimento incluem:

a) O maior número de publicações em análise do comportamento, tanto sob a forma de artigos em periódicos (especialmente com o surgimento da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e da Revista

Brasileira de Análise do Comportamento), quanto sob a forma de livros e capítulos de livros (com destaque para a coleção Sobre Comportamento e Cognição, à qual se seguiram outras coleções e publicações da mesma editora).

b) O maior número de discentes de graduação interessados em análise do comportamento, buscando engajamento em projetos de pesquisa, participando dos Encontros da ABPMC e adquirindo as publicações da área.

c) O maior número de candidatos aos programas de pós-graduação em análise do comportamento, sustentando a diversificação das linhas de pesquisa no interior desses programas.

d) O surgimento de “institutos” ou centros não universitários de formação em análise do comportamento, em geral instituições privadas, mas fortemente ligadas aos grupos com inserção acadêmica.

e) A multiplicação dos cursos de especialização, especialmente em terapia analítico-comportamental, nos quais são ministrados não apenas conteúdos técnicos, mas também de fundamentação teórica e filosófica.

Esse crescimento na produção científica, na oferta de serviços e no interesse de graduandos e graduados pela área não parece ter sido acompanhado por um avanço na organização da comunidade científica em análise do comportamento no Brasil. Em particular, não dispomos de uma representação institucional dessa comunidade. Um grande mérito da ABPMC reside em sua capacidade de reunir e apoiar analistas do comportamento interessados na pesquisa e analistas do comportamento interessados na atuação profissional como psicólogos. Desse ponto de vista, a pesquisa em análise do comportamento foi

<sup>3</sup> Outras subáreas da Psicologia no Brasil organizam-se não a partir de uma referência teórico-metodológica, mas a partir de temáticas específicas (e.g., desenvolvimento humano), um tipo de prática profissional (e.g., psicoterapia), ou contextos de intervenção (e.g., psicologia escolar). Essa variedade de recortes é possível por razões históricas relacionadas à institucionalização da psicologia como área de conhecimento e como profissão de ajuda.

fortemente favorecida pela atuação da ABPMC nos últimos anos. Todavia, a comunidade científica em análise do comportamento não é representada pela ABPMC junto aos fóruns onde são discutidas as políticas públicas para a pesquisa e a formação de pesquisadores no país. Também não construímos outra associação que nos represente para esse fim. Como resultado, a visibilidade dessa comunidade não é a mesma de outras subáreas da psicologia, que vêm se estruturando com eficiência nos últimos anos. Também não é a mesma a nossa capacidade de intervenção nos debates que se passam nos fóruns que tratam das políticas públicas para a pesquisa e formação de pesquisadores. Um acontecimento recente ilustra a necessidade de um debate sobre o assunto. Em 2005, CAPES e CNPq iniciaram um debate que visava reformular a Tabela de Áreas de Conhecimento. Essa tabela reflete, em certa medida, os tipos e graus de organização das comunidades científicas no país e suas subáreas. Em certas circunstâncias, ela pode ser uma referência importante para a tomada de decisões relacionadas à gestão do sistema de pós-graduação e de ciência e tecnologia (por exemplo, na definição da composição de comitês de áreas, na distribuição de bolsas e recursos etc.). Naquela ocasião, uma comissão designada pela ANPEPP formulou uma proposta de Tabela que incluía a Análise do Comportamento como subárea. Isso aconteceu graças à participação de uma analista do comportamento na Comissão (a Prof<sup>a</sup>. Deisy das Graças de Souza). Nos debates que se seguiram, o CNPq exigiu uma redução do número de subáreas e uma das eliminadas foi a subárea de análise do comportamento. Um debate foi iniciado a partir da solicitação de redução do número de subáreas propostas para a psicologia. Participaram desse debate, por meio

eletrônico, os membros da Comissão de Área da CAPES, do Comitê Assessor do CNPq e da Direção da ANPEPP. Ao final, prevaleceu a idéia de que a análise do comportamento não precisava existir como subárea, pois estaria contemplada numa subárea mais ampla, designada “Processos Psicológicos Básicos”. Outras subáreas que também tinham sido sugeridas pela primeira vez na proposta original da Comissão da ANPEPP foram mantidas ao final da discussão.

A nova Tabela de Áreas de Conhecimento que finalmente substituiria uma tabela antiga, reconhecidamente desatualizada, acabou não sendo definida, por razões que só a CAPES e o CNPq podem explicar. De qualquer modo, ficou claro que não havia convencimento de nossos pares na psicologia acerca da análise do comportamento merecer aparecer na tabela como subárea. Por outro lado, havia quase um consenso sobre a importância de serem incluídas novas subáreas como “Epistemologia e História da Psicologia” e “Psicobiologia e Psicologia Evolucionista”. A subárea “Processos Psicológicos Básicos”, na discussão realizada, contemplaria a análise do comportamento e outras “especialidades”. Curiosamente, num dado momento, dentre as outras “especialidades” incluíam-se a Psicobiologia e a Psicologia Evolucionista. Ao final, essas duas passaram a constituir uma subárea própria, mas a análise do comportamento, que estava na proposta original da Comissão da ANPEPP, continuou fora da lista.

No XI Simpósio da ANPEPP, realizado em maio de 2006, em Florianópolis, membros do GT “Psicobiologia, Neurociências e Comportamento” lideraram uma reunião sobre o ensino de Processos Psicológicos Básicos (PPB) nos cursos de graduação em Psicologia. Convidaram para a reunião os membros dos dois GTs de Análise do Comportamento (“Análise Comportamental

## Organização e Representação da Comunidade Científica em Análise do Comportamento no Brasil

de Processos Simbólicos” e “Investigações Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento”) e mais os membros dos GTs “Memória: Modelos, Pesquisa Básica e Aplicações” e “Psicologia Evolucionista”. Desdobramentos dessa reunião deram origem a um manifesto em favor do ensino de PPB na graduação (não assinado pelo GT “Investigações Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento”, em razão de não ter havido consulta prévia sobre o conteúdo do manifesto). Na reunião dos cinco GTs, ficou evidente que a compreensão do que vale como PPB não é a mesma. Na compreensão de alguns participantes, PPB pareciam reduzir-se a processos psicobiológicos. Para outros, nem chegava a tanto: PPB pareciam significar apenas processos neurofisiológicos. À parte do que acontece na relação com a comunidade mais ampla da psicologia, internamente a comunidade de análise do comportamento tem enfrentado um outro problema crucial: a falta de um sistema ágil

e eficiente de troca de informações acerca da organização e financiamento da atividade de pesquisa no país. Assim, informações relevantes sequer chegam a ser compartilhadas com os pesquisadores em análise do comportamento, pela falta de uma instância que possa se ocupar disso. Não está claro se a ABPMC deveria se ocupar da representação da comunidade científica em Análise do Comportamento no Brasil, se devemos criar uma ABA Brasil, ou se precisamos ter uma Associação Brasileira de Análise do Comportamento. Esse debate precisa, porém, ser realizado. Enquanto isso, seria conveniente instituir uma espécie de Coletivo de Pesquisadores em Análise do Comportamento, um fórum que dê visibilidade a essa comunidade, que possibilite compartilhar informações relevantes e, principalmente, que se ocupe de planejar uma inserção articulada nos debates sobre as políticas nacionais para a pesquisa e formação de pesquisadores em Psicologia.